

A SEGUNDA REGRA FUNDAMENTAL: UM COMENTÁRIO SOBRE O FERENCZI DE LACAN

Angela Cavalcanti Bernardes

RESUMO:

Que o analista seja analisado é a segunda regra fundamental da psicanálise, de acordo com Sándor Ferenczi. Este autor é louvado por Lacan pelo questionamento autêntico de sua responsabilidade de terapeuta. Faz-se aqui um breve comentário de algumas referências de Lacan a Ferenczi, tendo-se por perspectiva o controverso debate sobre a formação do analista.

Palavras-chave: Psicanálise, transferência, narcisismo, formação do analista, ação analítica.

ABSTRACT:

The second fundamental rule: a note about Lacan's Ferenczi. The analysis of the analyst is the second rule of psychoanalysis, following Sándor Ferenczi. This author is considered by Lacan an authentic questioner of his responsibility as a psychotherapist. The reader will find here a brief note about some of Lacan's comments on Ferenczi. Our concern here is the training of the analyst.

Keywords: Psychoanalysis; transfer; narcissism; analyst training; analytical action.

De onde vêm os analistas? Os analistas vêm de suas análises. A questão é saber o que se espera da análise do analista. Essa foi a pergunta que se colocou para Jacques Lacan, durante todo o seu ensino, no lugar da discussão institucional da época sobre a formação do analista. “Variantes do tratamento padrão” (1955/1998) foi escrito em meio à crise nos institutos de formação da Associação Internacional de Psicanálise/IPA e está marcado por este debate.

Uma das questões desse tempo era relativa ao recrutamento de candidatos e à demanda de análise didática. Certamente, a referência ao capítulo VII do texto de Freud “Análise terminável e interminável” (1937/1973) feita por Lacan neste contexto diz respeito a este debate. Neste capítulo, Freud diz que, se não se pode exigir que os analistas sejam recrutados entre pessoas de alto grau de normalidade e de retidão psíquica, a aptidão a exercer a psicanálise se adquire na análise. Lacan (1955/1998) refere-se ao “veredicto espantoso de

Freud”, destacando a seguinte passagem do seu texto: “o analista não atinge em sua personalidade o grau de normalidade a que gostaria de fazer seus pacientes chegarem”.

Este capítulo de Freud é dedicado a discutir o fator pessoal do analista no tratamento analítico, numa referência explícita à conferência de Sándor Ferenczi sobre “O problema do fim da análise” (1927/1992). Ferenczi foi o primeiro a estabelecer uma associação intrínseca entre a formação do analista e o fim da análise.

A necessidade de que o analista seja analisado constitui para ele a segunda regra fundamental da psicanálise. Para Lacan, Ferenczi foi “o autor da primeira geração a questionar com mais pertinência o que se exige da pessoa do analista, sobretudo quanto ao fim do tratamento”. (1955/1998, p. 342).

A conferência de Ferenczi, proferida em 1927, está como pano de fundo deste importante artigo de Freud sobre o impossível no fim da análise, escrito dez anos depois. Há uma discórdia, cujo ponto central diz respeito ao incurável no âmago da experiência de análise, da qual Ferenczi não quis saber. Preferiu acreditar que numa análise totalmente terminada o sujeito superaria, por assim dizer, o complexo de castração, ali onde Freud encontra um rochedo.

Entretanto, a despeito do otimismo terapêutico exagerado de Ferenczi, este analista nos deixou como

legado um questionamento autêntico e vívido sobre a ação do analista. Em sua nota “Em memória de Ferenczi”, Freud escreveu que alguns de seus textos fizeram de todos os analistas seus alunos (1933/1973, p. 3.238). Ainda hoje a leitura de seus textos sobre a técnica pode nos ensinar muito, sobretudo por tocar de forma muito sagaz em alguns impasses clínicos sem eximir o analista de sua parte na transferência. Lacan se refere a ele como “o mais autêntico interrogador de sua responsabilidade de terapeuta” (1966/1998, p. 232). É dentro desta perspectiva que faz-se valiosa a atualização de algumas das formulações de Ferenczi, à luz dos comentários de Lacan.

Referindo-se a Ferenczi, é em termos de apagamento do Eu que Lacan aborda em 1955 a destituição subjetiva exigida do analista em seu ato. Sob o título “Do Eu na análise e do seu fim no analista” (1955/1998), Lacan comenta extensamente um outro artigo de Ferenczi de 1927, “A elasticidade da técnica analítica”, do qual extrai uma preciosa indicação para formular o que o analista deve vencer em sua análise. A atividade do analista proposta por Ferenczi requer que com sua análise o analista tenha aprendido a não “dar livre curso a seu narcisismo”.

Este importante artigo de Ferenczi (1927b/1992) aborda essencialmente a questão do fator pessoal do analista na técnica analítica. Ele observa que o esforço de transmissão de Freud em seus escritos técnicos e metapsicológicos, aliado à adoção da segunda regra fundamental, que reduz a “nota pessoal” do analista na prática da psicanálise, permitem o estabelecimento de um certo número de medidas e táticas comuns na prática da psicanálise que a retiram de um terreno que se poderia dizer absolutamente pessoal, intuitivo e intransmissível. Entretanto, longe de um ideal asséptico da técnica, a psicanálise opera com um “remanescente da equação pessoal”, nos termos de Ferenczi. Isto faz com que muito da técnica seja, segundo ele, uma questão de “tato”. Os conselhos de Freud teriam ido no sentido do que não se deve fazer, todo o resto tendo sido relegado ao “tato”, explorado clínica e teoricamente por Ferenczi (1927b/1992, p.35).

Desde seus primeiros escritos sobre a técnica dita ativa, bem acolhida aliás inicialmente por Freud, Ferenczi já introduz um certo desacordo quanto à dita “neutralidade” do analista.⁽¹⁾ Como outros dessa geração, Ferenczi se deparou com a impotência da interpretação para lidar com o que se apresenta na transferência. As modificações técnicas que introduz inicialmente vão no sentido de reduzir o gozo na transferência e reconduzir o paciente ao trabalho. Instaura, assim, o que Freud (1918/1973) resume como princípio de abstinência. Sua intervenção visa, por um lado, provocar a atualização da fantasia na transferência e, por outro lado, mantê-la insatisfeita como condição de trabalho na regra da associação livre.

Mais do que treinamento para a capacidade de escutar e interpretar o sentido inconsciente, a formação do analista o coloca diante da dificuldade do manejo da transferência. É justamente por se dar no terreno da transferência que a ação do analista requer que ele próprio seja analisado. Na ausência de uma técnica que prescindia do fator pessoal do analista, “a única base confiável para uma boa técnica analítica é a análise terminada do analista” (1927b/1992, p. 36).

Neste artigo de 1927 comentado por Lacan, Ferenczi se propõe portanto a definir tato, numa tentativa de incluí-lo no terreno do transmissível, retirandolhe seu caráter místico. O tato, diz ele, implica numa capacidade de “sentir com” (Einfühlung), traduzida por Lacan por “convivência”. Entretanto, receoso de que se veja aí uma exacerbação do subjetivo e intuitivo no trabalho do analista, Ferenczi insiste que esse Einfühlung deve aliar-se a uma apreciação consciente da situação, ditada pela experiência analítica. Lacan sublinha aí em primeiro lugar a diferença entre essa posição e a dos teóricos da contratransferência quando se referem à dita “comunicação de inconscientes”. Em seguida, como já foi dito, aponta o apagamento do Eu do analista como exigência da posição analítica definida por Ferenczi neste escrito.

Lacan encontra neste texto de Ferenczi “a ordem de subjetividade que o analista deve ter realizado em si” (1955/1998, p. 343). Ferenczi define uma série de aspectos associados à posição do analista. Lacan os resume: “redução da equação 1 pessoal; lugar segundo do saber; bondade sem complacência; influência que saiba não insistir; (...) em todas estas indicações, não é o eu que se apaga para dar lugar ao não-sujeito da interpretação?” (p. 343).

1.- Remeto o leitor aos escritos técnicos que se encontram nos volumes II e III das Obras completas de Sándor Ferenczi publicadas pela Martins Fontes.

Vale lembrar que este comentário de Lacan data de um período no qual a questão central que articula seu ensino é relativa ao desconhecimento da função imaginária do eu e as consequências desse desconhecimento no manejo da transferência pautado no eixo “eu– outro”. Questão datada, mas nem por isso ultrapassada na formação dos analistas.

O interesse por Ferenczi neste contexto é mais do que compreensível. A desposta deste autor aos impasses que se colocaram aos analistas de sua geração, na segunda década da psicanálise, foi absolutamente original e se distingue do que veio a se constituir como uma corrente, sobretudo a partir de Reich, que tomou a via imaginária da análise da resistência.

Este comentário de Lacan vem, portanto, no bojo de sua crítica a uma visão dualista da relação analítica. Parte da literatura mencionada por Lacan situa a identificação ao analista no horizonte do fim da análise, sem distinguir real, simbólico e imaginário na transferência. Com uma capciosa pergunta sobre o que deve ser o Eu do analista, Lacan situa uma problemática que insiste em seu ensino e que diz respeito à falta-a-ser do analista.

Em outro momento, num capítulo de “Direção do tratamento e os princípios de seu poder” (1958/1998) intitulado “Como agir com seu ser”, Lacan volta a evocar Ferenczi como aquele que introduziu a questão do ser do analista. Não por acaso, diz Lacan, essa questão foi colocada por aquele “mais atormentado pelo problema da ação analítica” (1958/1998, p. 218-19). Lado a lado, esses dois escritos de Lacan têm na referência a Ferenczi algo em comum: interrogam, um e outro, sobre o Eu do analista e o ser do analista, respectivamente, para concluir, no primeiro, que ao analista é exigido o apagamento do Eu e, no segundo, que no coração da experiência analítica está a falta-a-ser, único ser do analista. Lacan, de um modo ou de outro, sempre colocou em tensão, como se vê aqui, o que é da ordem do ser e o que é da ordem da função do analista.

Ferenczi serve de guia na medida em que concebe a parte do analista na transferência para além da de suporte das reedições do analisante. A despeito da crítica lacaniana à intersubjetividade implícita na concepção da transferência como introjeção do analista na economia subjetiva, o que merece destaque no artigo “Transferência e introjeção”

(1909/1991), citado por Lacan (1958/1998), diz respeito ao que mais tarde este definirá como “presença do analista”. Em 1958, é nestes termos que Lacan dá a chave deste artigo de Ferenczi sobre a transferência: “a absorção no sujeito daquilo que o analista presentifica no duo como hic et nunc de uma problemática encarnada” (1958/1998, p. 619).

Mas, afinal, o analista presentifica o quê? Aqui reside um divisor de águas, por assim dizer, entre os diferentes rumos tomados pela clínica de Ferenczi e a de Lacan. Esta questão diz respeito à concepção do fim da análise. Em sua já mencionada discordância de Ferenczi, Freud (1937/1973) mostra que uma análise é sempre limitada, pois esbarra num impossível de ultrapassar. Esse impossível — da ordem do real, como mostrou Lacan — é o que o analista deve encarnar para que o trabalho do analisante não seja infinito. Esse é um dos sentidos assinalados por Alain Merlet (1985) para o aforismo lacaniano “a resistência é sempre a do analista”. Ferenczi não observou isto e a parte do analista na transferência, por ele problematizada de forma pioneira, foi em alguns momentos confundida com o implicação do sujeito do analista⁽²⁾. Por outro lado, como foi dito, Ferenczi sinalizou a resistência do analista no sentido daquilo de que este tem que se desfazer, a saber: a função imaginária do eu. Sua contribuição primeira à manobra da transferência é um testemunho, importante para todos os analistas em formação, do despojamento narcísico necessário ao analista.

Embora Ferenczi não tenha observado a “parte real que o analista deve encarnar como semblant de objeto para que o tratamento não gire em círculos” (MERLET, 1985 p. 93), de algum modo, ele inclui o analista em função de causa do trabalho analisante. A metáfora do analista como “catalisador” da transferência (FERENCZI, 1909/1992, p. 80) sendo exemplar desta função.

Não por acaso, na mesma parte de “A direção do tratamento”, em que Lacan aborda o ato pelo viés do (des)ser do analista, a referência a Ferenczi introduz a sua formulação segundo a qual a questão do desejo

2.- A este respeito, envio o leitor a textos mais tardios de Ferenczi, como “Confusão de língua entre os adultos e a criança” de 1932.

do analista orienta a ética da psicanálise. De modo que, se em “Variantes do tratamento padrão” o acento de Lacan foi naquilo de que o analista tem que se desfazer, em “A direção do tratamento” a questão se volta para aquilo que, na outra face desta perda, deve surgir na análise do analista: um desejo inédito.

Assim sendo, para concluir, se retomarmos os termos da questão sobre o que é exigido da pessoa do analista, pode-se dizer: é que ela não se confunda com o lugar do analista, “o qual se define como o que ele deve oferecer vago ao desejo do paciente para que se realize como desejo do Outro”. (LACAN, 1960-61/1991, p. 128).

REFERÊNCIAS

FERENCZI, S.

(1909/1991) “Transferência e introjeção”, in Psicanálise I, São Paulo, Martins Fontes. (1992) Psicanálise II, São Paulo, Martins Fontes.

(1993) Psicanálise III, São Paulo, Martins Fontes.

(1927a/1992) “O problema do fim da análise”, in Psicanálise. IV, São Paulo, Martins Fontes. (1927/1992) “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, in: Psicanálise IV, São Paulo, Martins Fontes.

FREUD, S.

(1973) Obras completas de Sigmund Freud, Madri, Biblioteca Nueva. (1918) “Los caminos de la terapia psicoanalítica”, Tomo III.

(1933) “En memoria de Sándor Ferenczi”, Tomo III. (1937) “Análisis terminable e interminable”, Tomo III.

LACAN, J.

(1955/1998) “Variantes do tratamento padrão”, in Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (1958/1998) “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, in Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

(1960-61/1991) Le séminaire: livre VIII, Paris, Seuil. MERLET, A. (1985) “Ferenczi jugé par Freud et par Lacan”, Ornicar? Revue du Champ Freudien, n.35, p.91-96.

SOLER, C.

(1985) “L’acte manqué de Ferenczi”, Ornicar? Revue du Champ Freudien, n.35, p.81-90.

ANGELA CAVALCANTI BERNARDES

Ágora v. V n. 2 jul/dez 2002 311-316.

Professora da Universidade Federal Fluminense/UFF, membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise/EBP-ECF, doutora em Teoria Psicanalítica IP/UFRJ.

Ágora v. V n. 2 jul/dez 2002 311-316 Rua Prof. Luís Cantanhede, 214/201 22245-040 Rio de Janeiro RJ

Tel (21) 2255-6259

E-mail:angelab@gbl.com.br

Instituto de Desarrollo Psicológico. INDEPSI. LTDA.

ALSF-CHILE